V Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária – V ETBCES
IV Mostra de Cultura e Produção Associada ao Turismo e a Economia Solidária
III Feira de Meio Ambiente e Saúde
I Circuito Gastronômico

A VOZ DOS MORADORES DO BEIRÚ/TANCREDO NEVES: história oral dos saberes, fazeres e pensares alimentando o turismo de base comunitária no bairro.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa que encontra-se em andamento, irá potencializar o contato didático com a fonte histórica, dando voz a grupos que, tradicionalmente, não têm oportunidade de expressar sua versão dos fatos. Relato de experiências de vida de cada indivíduo, somado a tantos outros, representa uma grande rede de informação e caminhos para construção do conhecimento. O bairro do Beirú está inserido na área delimitada do projeto TBC Cabula que adota uma metodologia participativa, afim de gerar fontes históricas e culturais sobre a comunidade do bairro e proporcionar o acesso às manifestações e materiais da memória dos moradores e suas relações com o processo histórico do bairro.

DISCENTES BOLSISTAS CNPQ

Anderson da Cruz Silva

(Uneb – Salvador: andersonmc1682@gmail.com)

ORIENTADORA

Francisca de Paula Santos da Silva

(Uneb – Salvador: fcapaula@gmail.com)

CO-ORIENTADORES

Hildete Santos Costa

(Uneb – Salvador: hyldete@gmail.com)

Ivana Carolina Souza

(Uneb – Salvador: ivanacarolina.souza@gmail.com)

OBJETIVOS

a) construir conhecimento sobre a história e a memória dos herdeiros do antigo quilombo Cabula, por meio da voz dos moradores de Beirú/Tancredo neves.
b) realizar entrevistas com moradores antigos do bairro Beirú/Tancredo Neves;
c) mobilizar os moradores em torno da importância do bairro, sua história e cultura por meio de vídeos e fotografias;
d) inserir a comunidade no processo de construção das memórias culturais do bairro;
e) publicar a história de vida e experiências devidamente autorizadas no portal do projeto TBC Cabula;
f) despertar na comunidade para a importância da identidade do bairro;
g) desenvolver na população, sobretudo nos jovens, a vontade e o desejo de participarem das ações de cunho social, cultural, histórico e ambiental no lugar onde vivem;

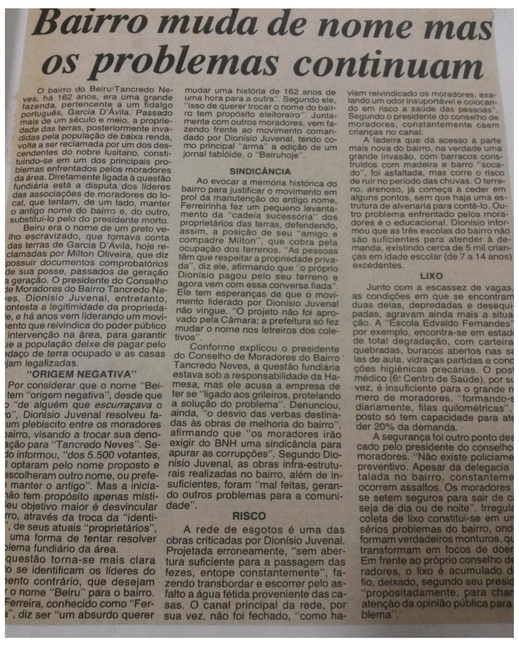
METODOLOGIA

A proposta envolve o contato direto com as comunidades e grupos organizados, baseada em história oral com respeito a cultura local. Propõe-se na primeira etapa levantar dados bibliográficos, a partir de materiais em livros, artigos, dissertações e teses sobre a origem do bairro. Esta pesquisa tem caráter descritivo, pois ocorre quando se registra, analisa e correlaciona os fatos ou fenômenos. A segunda etapa engloba as técnicas a serem utilizadas na pesquisa de campo, para isso, seguirá os seguintes procedimentos: identificar os possíveis informantes; organizar os roteiros das entrevistas; distribuir tarefas; testar os equipamentos; identificar as fitas e ou cartões de memória gravadas com a data; identificar o nome, e o endereço dos entrevistados; transcrever as fitas; analisar os resultados; construir conhecimento por meio de textos.

AÇÕES REALIZADAS

Foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre o tema historia oral, Beirú/Tancredo neves, Campo Seco, Cabula VI em meios eletrônicos. Somado a isso foram feitas leituras bibliográficas para embasamento teórico. Desde o mês de outubro de 2014 até a presente data, faz-se levantamento de dados e informações na Biblioteca Central dos Barris e na Fundação Gregório de Mattos - (FGM) em Salvador, onde se busca os dados, fatos e marcos do bairro Beirú/Tancredo Neves nos jornais a partir do final do século XIX. Com isso já foram catalogados acervos de jornais e iconográfico que relata a vida cotidiana no bairro, a pobreza, violência e o plebiscito sobre a mudança do nome do bairro de Beirú para Tancredo Neves por exemplo.

Esta em andamento o levantamento das historias de seus moradores através da coleta oral com gravação. Após essa etapa da gravação será transcrita as histórias.



Bairro muda de nome mas os problemas continuam

O bairro do Beiru/Tancredo Neves, há 162 anos, era uma grande fazenda, pertencente a um fidalgo português, Garcia D'Avila. Passado mais de um século e meio, a propriedade das terras, posteriormente invadidas pela população de baixa renda, volta a ser reclamada por um dos descendentes do nobre lusitano, constituindo-se em um dos principais problemas enfrentados pelos moradores da área. Diretamente ligada à questão fundiária está a disputa dos líderes das associações de moradores do local, que tentam, de um lado, manter o antigo nome do bairro e, do outro, substituí-lo pelo do presidente morto.

Beiru era o nome de um preto velho escravizado, que tornava conta das terras de Garcia D'Avila, hoje reclamadas por Milton Oliveira, que diz possuir documentos comprobatórios de sua posse, passados de geração a geração. O presidente do Conselho de Moradores do Bairro Tancredo Neves, Dionísio Juvenal, entretanto, contesta a legitimidade da propriedade, e há anos vem liderando um movimento que reivindica do poder público a intervenção na área, para garantir que a população deixe de pagar pelo arrendamento de terra ocupado e as casas foram legalizadas.

"ORIGEM NEGATIVA"

Por considerar que o nome "Beiru" tem "origem negativa", desde que "de alguém que escurraçava o povo", Dionísio Juvenal resolveu fazer um plebiscito entre os moradores do bairro, visando a trocar sua denominação para "Tancredo Neves". Segundo informou, "dos 5.500 votantes, 1.500 optaram pelo nome proposto e 4.000 escolheram outro nome, ou preferiram manter o antigo". Mas a iniciativa não tem propósito apenas mistificador. O seu objetivo maior é desvincular o bairro, através da troca da "identidade" de seus atuais "proprietários", uma forma de tentar resolver o problema fundiário da área.

A questão torna-se mais clara quando se identificam os líderes do movimento contrário, que desejam manter o nome "Beiru" para o bairro. Ferreira, conhecido como "Ferreirinha", diz ser "um absurdo querer mudar uma história de 162 anos de uma hora para a outra". Segundo ele, "isso de querer trocar o nome do bairro tem propósito eleitoreiro". Juntamente com outros moradores, vem fazendo frente ao movimento comandado por Dionísio Juvenal, tendo como principal "arma" a edição de um jornal tabloide, o "Beiruhoje".

SINDICÂNCIA

Ao evocar a memória histórica do bairro para justificar o movimento em prol da manutenção do antigo nome, Ferreirinha fez um pequeno levantamento da "cadeia sucessória" dos proprietários das terras, defendendo, assim, a posição de seu "amigo e compadre Milton", que cobra pela ocupação dos terrenos. "As pessoas têm que respeitar a propriedade privada", diz ele, afirmando que "o próprio Dionísio pagou pelo seu terreno e agora vem com essa conversa fiada". Ele tem esperanças de que o movimento liderado por Dionísio Juvenal não vingue. "O projeto não foi aprovado pela Câmara; a prefeitura só fez mudar o nome nos letreiros dos coletivos".

Conforme explicou o presidente do Conselho de Moradores do Bairro Tancredo Neves, a questão fundiária estava sob a responsabilidade da Hamesa, mas ele acusa a empresa de ter se "ligado aos grileiros, protelando a solução do problema". Denunciou, ainda, "o desvio das verbas destinadas às obras de melhoria do bairro", afirmando que "os moradores irão exigir do BNH uma sindicância para apurar as corrupções". Segundo Dionísio Juvenal, as obras infra-estruturais realizadas no bairro, além de insuficientes, foram "mal feitas, geraram outros problemas para a comunidade".

RISCO

A rede de esgotos é uma das obras criticadas por Dionísio Juvenal. Projetada erroneamente, "sem abertura suficiente para a passagem das fezes, entope constantemente", fazendo transbordar e escorrer pelo asfalto a água fétida proveniente das casas. O canal principal da rede, por sua vez, não foi fechado, "como haviam reivindicado os moradores, exalando um odor insuportável e colocando em risco a saúde das pessoas". Segundo o presidente do conselho de moradores, constantemente caem crianças no canal.

A ladeira que dá acesso à parte mais nova do bairro, na verdade uma grande invasão, com barracos construídos com madeira e barro "socadores", foi asfaltada, mas corre o risco de ruir no período das chuvas. O terreno, arenoso, já começa a ceder em alguns pontos, sem que haja uma estrutura de alvenaria para contê-lo. Outro problema enfrentado pelos moradores é o educacional. Dionísio informou que as três escolas do bairro não são suficientes para atender à demanda, existindo cerca de 5 mil crianças em idade escolar (de 7 a 14 anos) excedentes.

LIXO

Junto com a escassez de vagas, as condições em que se encontram duas delas, depredadas e desequipadas, agravam ainda mais a situação. A "Escola Edvaldo Fernandes", por exemplo, encontra-se em estado de total degradação, com carteiras quebradas, buracos abertos nas salas de aula, vidraças partidas e condições higiênicas precárias. O posto médico (6º Centro de Saúde), por sua vez, é insuficiente para o grande número de moradores, "formando-se diariamente, filas quilométricas", disposto só tem capacidade para atender 20% da demanda.

A segurança foi outro ponto destacado pelo presidente do conselho de moradores. "Não existe policiamento preventivo. Apesar da delegacia ter sido instalada no bairro, constantemente ocorrem assaltos. Os moradores não se setem seguros para sair de casa seja de dia ou de noite". Irregular coleta de lixo constitui-se em um dos sérios problemas do bairro, onde formam verdadeiros monturos, que transformam em focos de doenças. Em frente ao próprio conselho de moradores, o lixo é acumulado ao relento, deixado, segundo seu presidente, "propositadamente, para chamar a atenção da opinião pública para o problema".

Beiru x Tancredo Neves: a luta pela mudança do nome

Beiru era um líder que se destacou na organização do quilombo na região que hoje é o bairro que tinha seu nome e hoje é Tancredo Neves

Resgate da memória

RESULTADOS ESPERADOS

Na conclusão deste projeto é agregar e fortalecer a cultura local do bairro Beirú Tancredo Neves, por meio da preservação e valorização da memória, identidade e cultura de seus moradores; A mobilização das comunidades no sentido de proteger e potencializar a memória social e coletiva a partir de suas origens, histórias e valores; Contribuir para a construção da identidade do bairro por meio da história oral do bairro;

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. História Oral, a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1990.

GRUNBERG, Evelina. Manual de atividades práticas de educação patrimonial / Evelina Grunberg. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

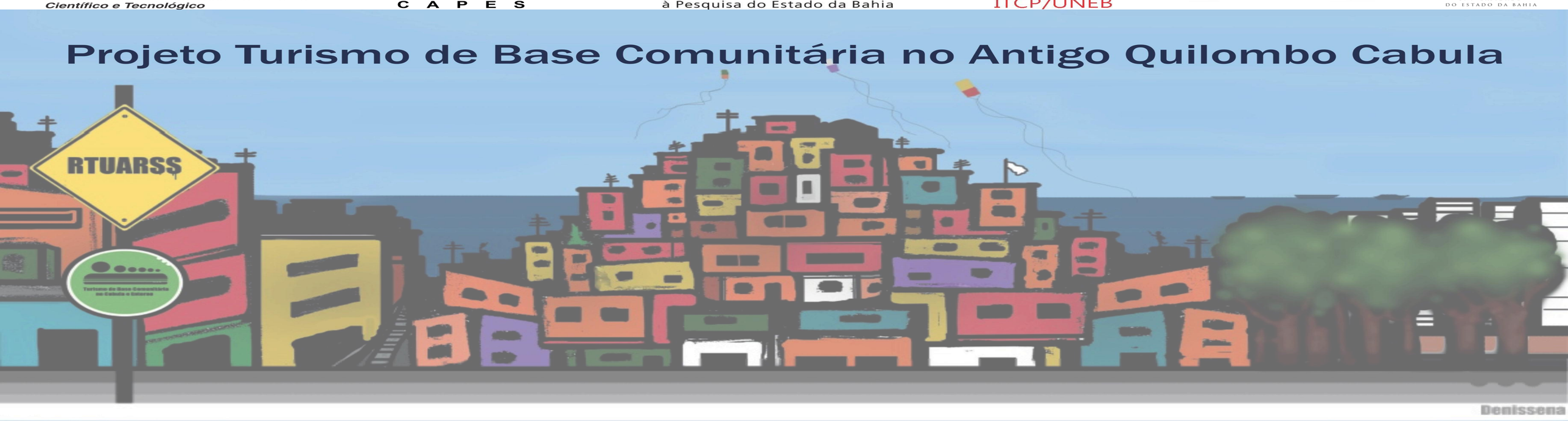
MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. Educação Patrimonial: orientações para professores do ensino fundamental e médio. Caxias do Sul: Maneco & Ed, 2004.

WEBER, Regina. Relato de Quem Colhe Relatos: Pesquisas em História Oral e Ciências Sociais. Ind: Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 1996.

CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CAPES

fapesb Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

ITCP/UNEB

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA